

Um civil na caserna, os militares no poder

LOREN MARIE VITURI BERBERT

RESENHA: CASTRO, Celso. **O espírito militar:** um antropólogo na caserna. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

O livro *O espírito militar: um antropólogo na caserna*, publicado pela primeira vez em 1990, é fruto da dissertação de mestrado em Antropologia Social defendida por Celso Castro na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Após uma segunda edição em 2004, a obra, agora revisada e ampliada com um prefácio e um posfácio inéditos, chega à sua terceira edição.

A obra tem como objeto o processo de socialização militar dos cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman). É a “primeira pesquisa de campo antropológica realizada numa instituição militar” (CASTRO, 2021, p. 19) e pode ser interpelada a partir de dois momentos distintos e particularmente interessantes da história brasileira, no que concerne à relação das Forças Armadas com a sociedade civil. Primeiro, em seu contexto de produção, o ano de 1987, dois anos depois do fim do regime ditatorial militar que se estendeu entre 1964 e 1985; e agora, 36 anos após a abertura democrática, momento em que diversos cientistas sociais e analistas políticos apontam para o fenômeno da volta dos militares à cena política brasileira (AMORIM NETO; ACÁCIO, 2020; PASSOS, 2019).

Consequentemente, torna-se explícita a razão do renovado interesse tanto de pesquisadores quanto de leitores em geral em relação ao processo de construção do denominado “espírito militar”, caracterizado por Castro (2021) em sua pesquisa. Divido em cinco capítulos, excluídas as notas introdutórias e os textos

LOREN MARIE VITURI BERBERT

Doutoranda em Sociologia e Ciência Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista CAPES e mestra em Sociologia Política pela UFSC. Email:lorenberbert@gmail.com

acrescentados a cada nova edição, a obra de Castro (2021) nos apresenta ao mundo da caserna através das lentes da antropologia social. Tal abordagem reflete uma afinidade com o que poderíamos chamar de “reflexividade” enquanto dimensão central da pesquisa. Segundo

Carreiras e Caetano (2016, p. 18 – tradução própria), a reflexividade, enquanto “dispositivo de sensibilização que dá visibilidade aos componentes da pesquisa que permaneceriam escondidos se não fossem objeto de um olhar inquiridor” ainda permanece como um aspecto marginal das pesquisas sobre os militares.

Tal particularidade que, dentro da sociologia militar, reflete uma vocação normativa da maioria das investigações sobre as Forças Armadas, é subvertida em experiências de pesquisa mais recentes, principalmente nos campos da antropologia e da sociologia. Além de obras publicadas em inglês (cf. CARREIRAS; CASTRO, 2013; CARREIRAS; CASTRO; FREDERIC, 2016; CARREIRAS; CASTRO; BEN-ARI, 2021), temos em língua portuguesa *Antropologia dos Militares: reflexões sobre pesquisas de campo* (cf. CASTRO; LEIRNER, 2009) – todas coorganizadas por Celso Castro.

No primeiro capítulo de *O espírito Militar*, o autor apresenta o argumento central da obra, segundo o qual a socialização profissional dos militares na Aman produz e é produzida através de um “espírito militar”, caracterizado a partir de um conjunto de crenças e elementos de autorrepresentação baseados numa divisão hierárquica entre o “aqui dentro” e o “lá fora” da instituição. Assim, “militares” e “paisanos” são postos como detentores de atributos diferenciais, principalmente de cunho moral. Esses atributos traçam a oposição entre a ordem, a correção e o espírito de coletividade, que seriam características do mundo da caserna, em oposição à desordem, displicência e o individualismo característicos da conduta dos “paisanos”, alcunha de caráter depreciativo conferida aos civis.

A partir da descrição da trajetória dos cadetes desde o período de adaptação na academia, é possível apreender que o “espírito de integração”, um dos elementos centrais do “espírito militar” e responsável pelo senso de coletividade, funciona no cotidiano da academia como uma estratégia de sobrevivência no interior

da instituição. Estruturada a partir de uma dinâmica que isola os cadetes de outros vínculos sociais na maior parte do tempo, a representação da carreira militar como uma “carreira total”, “num mundo coerente, repleto de significação e onde as pessoas ‘tem vínculos’ entre si” (CASTRO, 2021, p. 61), reflete uma estratégia de superação tanto do isolamento social, quanto dos desafios inerentes ao contexto militar.

Tal experiência de preeminência do coletivo sobre o individual estaria também no cerne de uma “emoção especificamente militar” (CASTRO, 2021, p. 71), a vibração, presente em diversas atividades de grupo e que se caracteriza como um momento de totalização. Apesar da ênfase nesse elemento de autorrepresentação, o autor explicita uma tensão sempre latente entre a integração e a competição no cotidiano da Aman, uma vez que posições de prestígio ao longo da carreira militar são definidas a partir da classificação acadêmica que os cadetes recebem ainda no curso de formação de oficiais.

No capítulo seguinte, temos uma complexificação do mundo militar a partir de suas divisões internas. Castro (2021) apresenta as sete armas de combate do exército brasileiro (infantaria, artilharia, engenharia, cavalaria, comunicações, intendência e material bélico) a partir do sistema classificatório nativo, que compreende uma homologia entre as funções das armas e as características pessoais dos cadetes. Aqui é possível apreender de forma mais aprofundada a abordagem do autor em relação às categorias de identidade que se constroem no contexto da Aman. Se contrapondo a uma noção de identidade como substância ou como “molduras fixas às quais os indivíduos conformam-se” (CASTRO, 2021, p. 148), Castro define o “espírito militar” como um sistema segmentário e o “espírito” como uma tendência a se conformar aos valores da caserna.

As reflexões do capítulo, que caracterizam a configuração interna do mundo da academia não somente no que há de comum, mas na dimensão que torna o sistema um todo que se pretende complementar e orgânico, pois diferenciado, é fundamental no esforço de desnaturalização do “espírito militar” como um bloco unidimensional e homogêneo, que confere adesão e prestígio a todos os cadetes da mesma forma. Torna-se ainda mais significativo ao

contribuir para a compreensão dos mecanismos através dos quais certos valores são introjetados pelos indivíduos, assim como nos dá instrumentos para entender como e por que razão determinados traços do “espírito militar” são mobilizados com mais efetividade na relação dos militares com a sociedade civil.

No capítulo *Digressão: Uma história da Academia Militar*, temos a apresentação da história da Aman, que permeia tanto a história da profissionalização militar no Brasil, quanto as disputas entre diferentes orientações sobre o perfil militar que se desejava formar. Destaca-se, nesse período inicial, um movimento pendular entre a predominância de elementos profissionais/militares ou científicos/acadêmicos na formação dos futuros oficiais. É só a partir da década de 1930 que se estabelece certa estabilidade do currículo e na organização da academia,¹ baseada em cinco pontos centrais: 1) a importância do curso na carreira dos oficiais; 2) o regime de enquadramento militar; 3) a homogeneização do corpo discente; 4) a igualdade formal e “equivalência” entre as armas e 5) a valorização da classificação escolar e conseqüentemente do mérito individual, a criação de tradições militares e a valorização social dos cadetes (CASTRO, 2021).

Dois elementos interessantes levantados por Castro (2021) dizem respeito à percepção de oficiais de gerações mais antigas em relação à carreira e aos dados referentes ao perfil socioeconômico dos cadetes. A percepção recorrente, de perda de prestígio social e de *status* dos militares, é explicada principalmente a partir de dois argumentos. O primeiro se refere à perda de prestígio decorrente das mudanças na sociedade – e aqui podemos abrir um parêntese para antecipar o cenário apresentado, no capítulo seguinte, de que os anos de ditadura militar tornaram diversos segmentos sociais desconfiados quando não contrários à presença militar em meio civil.

1 Oliveira e Mathias (2020) atualizam a história da formação militar no Brasil enfatizando a importância das transformações ocorridas a partir da década de 1980, com a modernização do ensino e do próprio exército brasileiro, na década seguinte. O Plano de Modernização do Exército, de 1995, propõe a manutenção dos valores tradicionais, mas reconhece que devem ser adaptados para atender às disposições do “novo militar”, o discurso do autoaperfeiçoamento e do “aprender a aprender” passa a fazer parte também do ensino militar.

O segundo argumento que aparece nas falas de antigos cadetes refere-se a uma suposta “proletarização” do oficialato, caracterizada pela entrada de indivíduos de classes sociais menos abastadas na academia. Segundo os dados utilizados pelo autor, houve de fato uma diminuição no recrutamento de cadetes na classe “alta tradicional”, com a manutenção das camadas médias como principal segmento de origem socioeconômica dos futuros oficiais.² Mais importante para a análise sociológica da geração de oficiais que hoje compõe o governo, no entanto, é a tendência ao recrutamento endógeno observada entre os períodos de 1940 e 1980. Nos anos de 1984-1985, 51,9% dos cadetes eram filhos de militares, sendo a grande maioria de oficiais subalternos e praças.

Esses dados apontam uma possível conexão entre a hipótese levantada pelo autor no prefácio à terceira edição e o retrato das relações entre os membros do exército e a sociedade civil, expresso no capítulo *Os cadetes e o mundo de fora*. Neste capítulo, o autor apresenta, através das falas dos cadetes, a identidade social do militar como uma construção consequente da tensão entre a “visão ideal” do mundo da caserna e a experiência do “mundo de fora”, ou seja, a vivência dos cadetes em outros espaços que não os da academia. No contexto em tela, tem-se a percepção de um descompasso entre a vida intramuros na Aman e aquela das camadas médias que, de outra forma, constituiriam seu círculo social principal. É em comparação com outros grupos de jovens, via de regra estudantes universitários, que os cadetes medem o efeito do “prestígio da farda”, bem como reforçam ou desconstruem as percepções sobre si mesmos e sobre a instituição militar.

Em *Um antropólogo na caserna* e no posfácio à terceira edição do livro, explora-se a dimensão reflexiva da pesquisa antropológica e somos apresentados ao percurso de pesquisa. Nos primeiros capítulos, o autor aparece como um espectador/interlocutor

2 A partir de dados atualizados, Castro e Medeiros (2018) apontam que mesmo que a renda familiar dos cadetes tenha sofrido uma queda significativa entre 1996 e 2014, pois a porcentagem de famílias de cadetes que tinham renda superior à 10 salários mínimos caiu de 60% na segunda metade da década de 1990 para cerca de 20% entre 2013-2014, ela ainda se mantém acima da média brasileira, com apenas 10% das famílias representadas nessa faixa de renda.

invisível, que descreve e analisa. É só nas duas últimas seções do livro que passamos a compreender os atributos e as estratégias mobilizados pelo autor em sua experiência de campo. Podemos, assim, visualizar os tipos de relação construídas entre o antropólogo e os nativos de sua pesquisa.

Talvez o elemento central facilitador dessas relações tenha sido o fato do próprio pesquisador ser, neste caso, um membro da “família militar”, filho de um oficial superior já na reserva do Exército brasileiro na época em que a pesquisa foi realizada.³ Tal familiaridade de Castro com o mundo da caserna parece ter sido importante na medida em que permitiu a construção de uma relação de confiança com seus interlocutores, que, em alguma medida, o identificavam como pertencente àquele mundo.

A categoria “família militar” é também um componente fundamental para a investigação das possíveis consequências do fato de que a geração de militares que hoje ocupa postos no governo se caracteriza por um alto índice de recrutamento endógeno. Ao se referir ao general Villas Boas – com quem fez uma extensa entrevista que deu origem ao livro *Conversa com o comandante* (2021) – o autor identifica uma “total imersão na família militar” (CASTRO, 2021, p. 17). O perigo atrelado a tal característica refere-se a um distanciamento exacerbado entre o mundo militar e o mundo civil e à possível divergência entre os valores característicos da vida militar e aqueles desejados pela sociedade civil.

Essa totalização da socialização militar que se dá não somente dentro da academia, mas principalmente através da “família militar” é descrita por Silva (2013), ao apontar que ao contrário de outras profissões, a vida na família militar é vista como interior à instituição, que estimula valores e condutas características da caserna (hierarquia, disciplina, retidão moral) também no espaço doméstico e nas suas relações. Essa correspondência entre casa e caserna no interior das famílias militares e certa continuidade

3 Segundo Carreiras (2019, p. 146 – tradução própria), a “família militar” enquanto categoria guarda-chuva, pode ser “definida como uma entidade que transcende os indivíduos, onde os fortes laços familiares mantêm unidos a instituição e todos os seus membros – inclusive os membros da família. Sob essa perspectiva a família militar ‘encarna’ a identidade militar e seus valores.

entre casa e quartel são significativas para a compreensão da mentalidade desses militares que hoje ocupam postos no governo e que têm sua identidade construída a partir de uma dicotomia entre militares e paisanos mais acentuada, exatamente pelo recrutamento endógeno.

Dessa forma, é possível dizer que *O espírito militar* nos parece hoje tão relevante quanto na data de sua publicação, ao explicitar os elementos que conformam a visão de mundo e da sociedade civil construída pelos militares. A identidade militar forjada a partir da autorrepresentação institucional pode ser, dessa forma, um instrumental de grande valia para a compreensão da atuação dos militares na política.

REFERÊNCIAS

AMORIM NETO, O.; ACÁCIO, I. De volta ao centro da arena: causas e consequências do papel político dos militares sob Bolsonaro. **Journal of Democracy em Português**, v. 09, n. 02, p. 01 – 29, 2020.

CARREIRAS, H. The 'military family' as a social and political category. Brazil and Portugal in comparative perspective. **Family, States and Militaries: Changes in Relations and Conditions**, n. 284, p. 145 – 158, 2019.

CARREIRAS, H.; CAETANO, A. Reflexivity and the sociological study of the military. In: CARREIRAS, H.; CASTRO, C.; FREDERIC, S. (orgs.). **Researching the military**. Milton: Routledge, 2016.

CARREIRAS, H.; CASTRO, C. **Qualitative Methods in Military Studies: Research Experiences and Challenges**. Milton: Routledge, 2013.

CARREIRAS, H.; CASTRO, C.; BEN-AIR, E. (eds.). **Understanding the Impact of Social Research on the Military: Reflections and Critics**. Milton: Routledge, 2021.

CARREIRAS, H.; CASTRO, C.; FREDERIC, S. (eds.). **Researching the Military**. Milton: Routledge, 2016.

CASTRO, Celso. **O espírito militar: um antropólogo na caserna**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CASTRO, C.; LEIRNER, P. **Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

CASTRO, C.; MEDEIROS, J. O perfil socioeconômico dos militares brasileiros: atualizando uma discussão. In: FUCCILLE, A.; GOLDONI, L. R. F.; ADÃO, M. C. O. (orgs.). **Forças armadas e sociedade civil**: atores e agendas da defesa nacional no século XXI. São Cristóvão, SE: Ed. UFS, 2018. p. 01-20.

OLIVEIRA, A. P.; MATHIAS, S. K. Profissionalização militar: notas sobre o sistema do exército brasileiro. **Temáticas**, v. 28, n. 56, p. 38 – 69, 2020.

PASSOS, A. Militares e democracia: teoria e fundamentos históricos. In: SANTANA, L. (org.). **Instituições, comportamento político e democracia**: reflexões e apontamentos da redemocratização aos dias atuais. Maceió: EdUFAL, 2019. p. 10 – 22.

SILVA, Cristina R. Família de militares: explorando a casa e a caserna no exército brasileiro. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 03, p. 496, 2013.